

Geografias e corpos da brincadeira de pipa no Novo Ensino Médio

Flávio Nunes dos Santos Júnior

O presente texto narra a tematização da brincadeira do pipa com turmas da 1ª série do Novo Ensino Médio, na Escola Estadual Leopoldo Santana, pertencente à Unidade Regional de Ensino Sul 2 da rede estadual de São Paulo. A escola se situa no distrito do Capão Redondo, periferia da capital paulista, e atende exclusivamente ao Ensino Médio, nos três períodos. O trabalho foi desenvolvido ao longo do primeiro bimestre de 2025, em duas aulas semanais realizadas de forma consecutiva às quintas-feiras.

Nos primeiros encontros, conversamos sobre a função social da Educação Física, buscamos identificar as percepções de alunos e alunas acerca das aulas do componente ao longo do Ensino Fundamental e realizamos um mapeamento das práticas corporais que conheciam. Após situarmos o papel da Educação Física na escola, estudantes foram provocados e provocadas a relatar o que haviam vivenciado em anos anteriores. Muitos e muitas alegaram ter estudado em escolas da rede municipal do entorno; alguns e algumas passaram por unidades particulares; e outros e outras disseram ter frequentado escolas da própria rede estadual. Apesar da diversidade de trajetórias, emergiu um traço comum: a forte presença de modalidades esportivas hegemônicas e de brincadeiras populares, como queimada, rouba-bandeira e pega-pega. Diante desse cenário, optei por trilhar um percurso de vivências e análise em torno de uma brincadeira. Para isso, tomei como critério que não poderia ser qualquer brincadeira: deveria ser uma prática pouco ou nada vivida no espaço escolar e, ao mesmo tempo, presente no cotidiano de alunos e alunas.

No encontro seguinte, apresentei o tema que seria estudado ao longo do bimestre (brincadeiras) e saímos para vivenciar, na quadra, a queimada. Ao deixar a sala, o grupo pareceu motivado. A atividade ocorreu conjuntamente com uma turma de 3ª série. Chamou a atenção o comportamento de muitas meninas que, ao chegarem à quadra, sentaram-se e assumiram a condição de observadoras, enquanto a maioria dos meninos se dirigiu ao centro para participar diretamente do jogo. A disputa foi acirrada e, aos poucos, quem estava de fora passou a torcer e incentivar colegas em quadra. Perto do final, notei que boa parte da turma se manteve animada com o momento. Ainda assim, por se tratar de uma brincadeira familiar a todos e todas, comecei a pensar no que experimentar no encontro posterior. Decidi, então, propor uma vivência com o pipa, sobretudo porque ninguém havia mencionado essa prática nas aulas de Educação Física em anos anteriores. Ao final, pedi que comparecessem com pipa e linha.

Na aula marcada, alguns estudantes trouxeram os materiais combinados. Kauã portava uma carretilha e dois pipas. Solicitei que explicasse o modelo que estava em mãos e ele aproveitou para comentar sobre outros que costuma utilizar, além de detalhar possibilidades de uso da carretilha. Alguns colegas, ao avistarem o objeto, chamaram-no de “roda”. Bruno e outros meninos também chegaram com pipa e linha e comentaram onde haviam comprado os materiais. Mencionaram que, na região, existem cerca de quatro lojas. A que mais me chamou a atenção foi a do Pinóquio, por já a conhecer. Após essa conversa inicial, nos dirigimos ao estacionamento da escola para a vivência, um espaço pouco frequentado para atividades. Em geral, as aulas de Educação Física aconteciam na quadra, mas a cobertura impedia a realização da brincadeira proposta.

Chegando ao local, os meninos que estavam com o pipa rapidamente se organizaram para levá-lo. Pediram que alguém o levasse até certo ponto para fazer a puxada. A direção e a força do vento estavam propícias. A aula ocorria por volta das 11h e o sol incidia diretamente no rosto. Durante a vivência, algumas meninas recusaram-se a brincar, alegando que se tratava de uma brincadeira “de/para meninos”. Após insistências e convites, aderiram e passaram a experimentar. Em diferentes momentos, demonstrei o que precisava ser feito para fazer o pipa “mexer”, isto é, desbicá-lo. Pedi também que os meninos explicassem como realizavam a desbicada. Surgiram respostas como: “Eles já nascem sabendo”. “Eu não tenho paciência para isso não”, disse um menino ao tentar explicar. “Eu aprendi pequeno com meu pai”, afirmou outro. “Eu tentei colocar no alto e não consegui. Saí correndo, puxando, e não consegui”. “Depois que o pipa está lá em cima é fácil de soltar. O difícil mesmo é colocar no alto”. Essas foram algumas falas, entre tantas outras enunciadas no decorrer da aula.

No encontro posterior, cheguei decidido a aprofundar o trabalho com a brincadeira de pipa. As produções da aula anterior indicaram a necessidade de organizar atividades que qualificassem a leitura e a produção em torno do tema. Assim, procurei perceber como alunos e alunas haviam sido afetados e afetadas pelos acontecimentos da semana anterior. Registrei na lousa as intenções do encontro: (1) refletir sobre a vivência produzida na aula anterior; (2) identificar termos e expressões que compõem a ocorrência da brincadeira do pipa; e (3) localizar quem são os sujeitos praticantes dessa prática. A conversa mobilizou falas como: “Saí correndo”. “Eu não enxergo o pipa”. “Foi uma aula diferente”. “Eu nunca tinha soltado, foi a minha primeira vez”. “Teve um momento em que ficou entediante”. “Passei humilhação para subir o pipa, quase prendi o pipa ajudando as meninas”. “O Bruno não deixou eu soltar, toda hora ele pegava da minha mão”.

“Exuberante, lembrei da minha infância”. “Nunca passou pela minha cabeça soltar pipa na escola, foi exótico”. “Eu tenho medo de linha, mas na aula eu não fiquei”. No meio da conversa, frisei que ninguém nasce sabendo brincar com o pipa: aprende-se. Também demarquei que o trabalho passaria a perseguir uma análise sobre quem compõe o público imerso nessa prática e quais relações de gênero atravessam sua vivência no cotidiano e no espaço escolar.

Após esse momento de escuta, encaminhei mais duas situações: identificar o vocabulário presente na brincadeira do pipa e problematizar quem participa dela. Para dar início à primeira intencionalidade, convidei a turma a localizar expressões e termos que compõem a ocorrência da brincadeira. À medida que alunos e alunas se sentiam à vontade, tomavam a palavra; eu registrava no quadro e os(as) provocava a explicitar o sentido de cada termo. Assim, reunimos um repertório composto por: relo, desbicar, descarregar, empinar, subir, puxada, afundar, batismo, corte, “manda outro”, “linha pura”, “manda busca”, aparar, rabiola, tentear e mandado.

Na sequência, lancei duas indagações: quem são os praticantes do pipa? Por que algumas pessoas são privilegiadas nessa prática? A turma recorreu ao que observa no cotidiano e afirmou que a maior parte dos praticantes é formada por meninos e homens. Quanto à segunda pergunta, argumentaram que meninas têm menos oportunidades de brincar com o pipa devido a interdições e expectativas produzidas no âmbito familiar e reforçadas socialmente. Esse deslocamento da conversa permitiu explicitar que a brincadeira, longe de ser neutra, é atravessada por relações de gênero que regulam acessos, aprendizagens e formas de participação.

A conversa também fez emergir os estabelecimentos onde costumam comprar pipas e materiais. Pelo Instagram, entramos em contato com Leo Pipas e Pinóquio Pipas, com a intenção de convidá-los para uma atividade na escola. Leo respondeu dizendo que concilia o trabalho na enfermagem com as demandas da loja, deixando uma pessoa de confiança no estabelecimento durante sua jornada no hospital; por isso, sua presença na escola se tornou inviável. Pinóquio também respondeu rapidamente, colocou-se à disposição para colaborar e me convidou a visitar a loja, conhecer a produção do pipa e compreender como organizam o trabalho. Para encerrar o encontro, comentei que a tematização seria guiada pelo que a turma apresentasse a cada aula e que escutar o que alunos e alunas sabiam sobre o pipa constituía um ponto de partida decisivo para as escolhas seguintes.

Antes de abordar o que ocorreu na aula posterior, cabe uma breve digressão. Quando estudantes mencionaram as lojas da região, Pinóquio Pipas chamou minha atenção por já ter comprado materiais ali em outras ocasiões. Pinóquio sugeriu que continuássemos a conversa pelo WhatsApp. Agradei a devolutiva, apresentei-me, expliquei o trabalho desenvolvido na escola e reiterei o convite para participar de uma atividade com alunos e alunas. Ele respondeu com entusiasmo e elogiou a iniciativa, mas afirmou que estava com uma demanda elevada e não conseguiria se ausentar da loja. Ainda assim, enviou vídeos mostrando o modo como produz os pipas e apresentando os tipos que comercializa. Por fim, colocou-se à disposição para me receber no estabelecimento e apoiar a atividade de outras maneiras.

Na sexta-feira da mesma semana, pela manhã, compareci à loja com meu filho, Felipe, para conversar com Pinóquio. Após finalizar o atendimento de um cliente, solícito e atencioso, ele abriu o portão e nos convidou a entrar. Logo comentou que a demanda de serviço estava alta e chamou a esposa e a filha mais velha para participarem da conversa. A família pareceu animada com o convite, em parte porque a escola Leopoldo Santana tem relevância na trajetória das duas filhas do casal: a caçula estava na 2ª série e a mais velha havia concluído o Ensino Médio dois anos antes. Em seguida, convidaram-nos a subir até o espaço de produção. Pinóquio mostrou os materiais utilizados e o modo como realiza as etapas do trabalho; narrou, com entusiasmo, como começou com a loja e comentou sobre as motivações implicadas na confecção do pipa quando era jovem e no presente. Se antes a preocupação principal era a brincadeira, atualmente o foco recai sobre a renda necessária para garantir o sustento da família.

Também explicou como, diante do aumento da demanda, a família se envolveu no processo de produção e descreveu as funções assumidas por Simone, pela filha e por ele. De modo espontâneo, detalhou sua tarefa: fazer a armação. Perguntei se poderia gravar para compartilhar com estudantes e ele autorizou. Sua destreza fez o procedimento parecer simples: em poucos segundos, finalizou a estrutura. Diante do celular, explicou a posição das varetas, a passagem da linha e o nó. Ao me despedir, agradei a recepção e reforcei o convite para a atividade com a turma. Pinóquio reiterou que não conseguiria comparecer, mas Simone e a filha manifestaram disponibilidade. Antes de sairmos, ele colocou em minhas mãos um conjunto de materiais: varetas, 40 armações (uma para cada estudante), um pacote de fitas para rabiola, papel de seda e um carretel de linha.

No dia 13 de março, de forma generosa, Simone compareceu à escola para partilhar conosco suas experiências com o pipa. Para iniciar o encontro, registrei no canto

superior esquerdo do quadro os momentos da aula: (1) roda de conversa com Simone; e (2) confecção do pipa com a convidada. Em seguida, reorganizamos o espaço. Solicitei que a turma se dispusesse em formato de “U”, de modo a favorecer uma dinâmica expositiva e dialogada. As carteiras estavam enfileiradas; houve uma ou outra reclamação, mas discreta. Rapidamente, o grupo juntou as mesas, ficando todos e todas voltados(as) para o centro da sala.

Iniciei apresentando a convidada e agradecendo publicamente sua presença. Ressaltei a importância de contar com uma figura feminina naquele momento, especialmente porque, no encontro anterior, várias meninas haviam indicado que a brincadeira do pipa seria de exclusividade dos meninos. Em seguida, sinalizei a necessidade de maior colaboração de todos e todas quanto à manutenção da organização do ambiente e ao exercício da escuta atenta, considerando que Simone não tinha o hábito de falar em público e, ainda assim, se dispôs voluntariamente a comparecer para compartilhar conhecimentos e experiências.

Simone tomou a palavra para se apresentar e falar sobre a loja. Abri o Google Maps para localizar o estabelecimento, identificar a distância em relação à escola e situá-lo no território (próximo ao Parque Santo Dias). Alguns estudantes comentaram que conheciam o comércio e já haviam comprado pipas ali. Nesse momento, Simone informou que atua no ramo há 25 anos, no mesmo espaço, em um negócio familiar. Segundo ela, Pinóquio, seu esposo, abriu a loja para vender pipas e outros materiais e, com o aumento da demanda, a família passou a se engajar nas atividades.

Em seguida, abri o WhatsApp Web, na conversa com Pinóquio, e coloquei para rodar o vídeo em que ele explica como se produzia pipa antigamente. O registro mostra o preparo da armação e o processo de encapar (assentar a armação na folha, colar e recortar), além da feitura do estirante e da envergadura. Após a exibição, abri espaço para comentários e perguntas dirigidas a Simone. O material despertou curiosidade e disparou indagações sobre: quantos pipas são produzidos diariamente; o custo de produção e o preço de venda; o uso de gabarito para construir a armação; e a confecção de modelos como raia e peixinho. Simone respondeu que, aproximadamente, 3 mil pipas são confeccionados todos os dias.

Na sequência, dei play em outros vídeos que mostravam os tipos de pipa comercializados e a quantidade em processo de produção. Ao final, novamente abri espaço para perguntas. Estudantes retomaram a questão da raia e do peixinho e quiseram saber o valor do pipa mais barato. Simone explicou que o modelo “latinha de 50 cm” é o

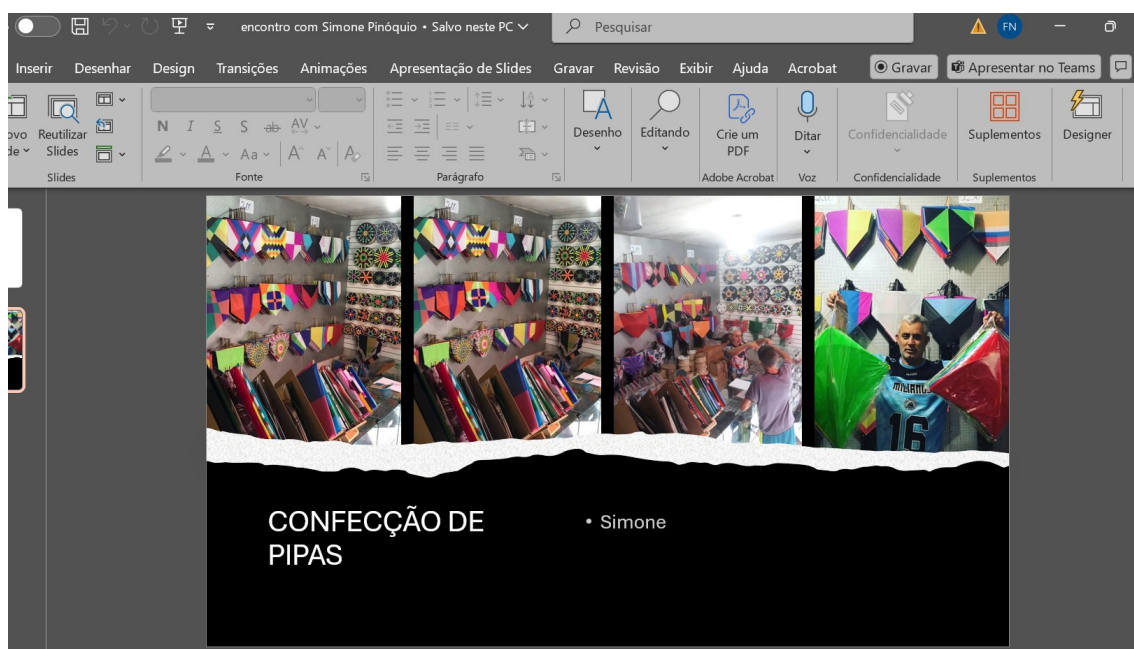
mais vendido e também o mais acessível, custando R\$ 2,00 a unidade, enquanto os maiores chegam a R\$ 5,00. Sobre a raia e o peixinho, disse que não os confecciona: adquire-os com fornecedores.

Percebendo que alguns estudantes não sabiam do que se tratava, perguntei qual seria a diferença entre esses dois modelos. Um estudante respondeu prontamente, e aproveitei o gancho para abrir o Google Imagens e apresentar fotografias de diferentes tipos de pipa, favorecendo a compreensão do grupo. Simone acrescentou que muitos lojistas da região compram seus pipas para revender e que é comum, em uma única venda, alguém levar cerca de mil unidades. Destacou ainda que grupos que frequentam festivais adquirem grandes quantidades. Perguntei se, nesses eventos, é possível encontrar mulheres brincando. Simone respondeu que o público é diverso, com mulheres, crianças e homens. Um estudante sugeriu assistir a um vídeo do canal Rafa Pipeira, no YouTube; fiz a busca no momento e abrimos um vídeo que mostrava a produção de um pipa.

A conversa com Simone contribuiu para compreender não apenas o engajamento das mulheres, mas também o pipa como prática que extrapola a dimensão da brincadeira. A turma pôde notar que sua produção se vincula ao trabalho e que determinadas pessoas dependem de sua comercialização para garantir o sustento.

Para manter a fluidez da aula, sempre que a atenção de alguns estudantes se dispersava, eu os chamava pelo nome, retomando o fio do que estava sendo dito e destacando algum ponto da fala em curso. Não houve necessidade de repreensões públicas; de modo geral, a turma colaborou para o andamento da primeira parte do encontro.

Passados aproximadamente trinta minutos de conversa, anunciei que chegara o momento de confeccionar o pipa. Solicitei que reorganizassem as mesas em ilhas de quatro ou seis carteiras — embora alguns estudantes tenham preferido trabalhar sozinhos — e recomendei que deixassem sobre a mesa apenas cola e tesoura. Enquanto a turma se organizava, mantive projetadas na TV imagens encontradas nas redes sociais do Pinóquio Pipas e me posicionei junto à minha mesa, preparando a transição para a etapa prática da aula.



Com o material já disposto sobre as mesas, solicitei a ajuda de uma estudante que estava próxima para distribuir, aos grupos, as armações doadas por Pinóquio. Como as folhas de papel estavam embaladas em plástico, pedi que um(a) estudante de cada grupo viesse até mim para retirá-las. Quando todos e todas já estavam com os materiais em mãos, posicionei-me ao centro da sala e pedi atenção para as orientações de Simone sobre os procedimentos necessários ao encapamento, isto é, à colagem do papel na armação. Simone explicou como aplicar a cola na vareta e como assentar a armação sobre a folha. Em seguida, ela e eu circulamos pela sala para auxiliar os grupos.

As solicitações de ajuda foram frequentes, pois a maioria nunca havia confeccionado um pipa. Apenas uma estudante, que frequentara a instituição Casa do Zezinho, relatou ter tido essa oportunidade anteriormente. Reexplicamos as partes em que a cola deveria ser aplicada e insistimos na necessidade de usar uma quantidade comedida. Com uma tesoura grande e pontiaguda, Simone colaborava nos cortes do papel para o acabamento. Estudantes se impressionavam com a agilidade e a precisão de seus movimentos, sobretudo porque as tesouras disponíveis para a turma eram pequenas e sem ponta, o que limitava a eficiência do corte: “Nossa, vendo ela fazer parece fácil”. Comentei que a experiência de Simone e o uso de material adequado faziam diferença no andamento do trabalho. Enquanto transitava entre as mesas, registrei fotos e vídeos do processo.

À medida que finalizavam a confecção, alguns estudantes disseram que levariam o pipa para casa; outros afirmaram que pretendiam brincar na rua. Daniel, por exemplo,

comentou que iria presentear um de seus irmãos, praticante assíduo da brincadeira. Aproveitei para informar que, nas aulas seguintes, a proposta seria vivenciar a brincadeira com os pipas confeccionados naquele encontro. A maioria preferiu deixar os pipas na escola para a atividade futura. Para encerrar, pedi que recolhessem os papéis que haviam caído no chão e reorganizassem as carteiras em fila. Agradei novamente a presença e a participação de Simone. Estudantes a saudaram com uma salva de palmas e manifestaram contentamento com a atividade, reiterando o agradecimento. Simone se despediu e retirou-se da sala.

No encontro seguinte, realizamos as demais partes do pipa: rabiola, estirante e envergação. Alguns estudantes já sabiam como fazê-las, o que me levou a convidá-los a compartilhar os procedimentos com os colegas. Durante a feitura da rabiola, circulei pelas carteiras para auxiliar. As fitinhas já estavam prontas, pois Pinóquio havia doado um pacote generoso. Comentei que, em outras épocas, muitas pessoas recortavam fitas de sacolas de supermercado ou sacos de lixo e que, hoje, é possível adquiri-las prontas em lojas.

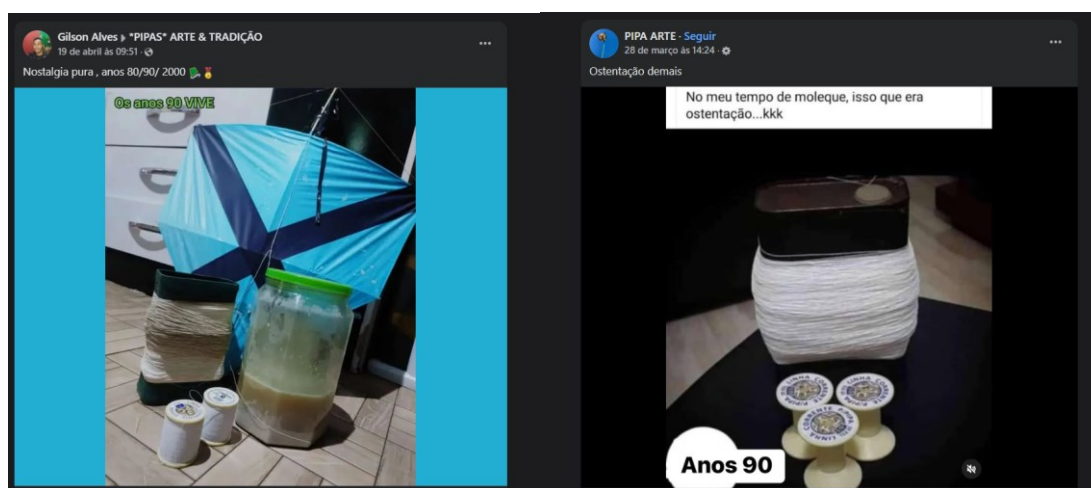
Para fortalecer a etapa prática e ampliar as possibilidades de aprendizagem, convidei Roberto e Gabriel, estudantes da 2ª série, para participarem da vivência. Ambos se reconheciam como integrantes de grupos de pipeiros da região. Apresentei-os à turma, informando que estavam dispostos a contribuir com a brincadeira. Eles se enturmaram rapidamente e passaram a dar suporte, sobretudo no ajuste do estirante e na envergação.

Em seguida, dirigimo-nos ao estacionamento, o mesmo local da vivência anterior. Dessa vez, porém, o vento soprava no sentido contrário, tendo como limitador a presença do prédio da escola. No encontro anterior, não havia obstáculo além do muro voltado para a calçada. Roberto e Gabriel ajudaram a ajustar os pipas e a colocá-los no alto. O grupo pareceu animado ao ver no céu o pipa que havia acabado de confeccionar. Alguns pipas ficaram presos no telhado da escola e enganchados em árvores. Em certo momento, um pipa entrou na linha do outro, gerando tentativas de laçar. Em alguns estudantes, o aborrecimento surgiu em razão das perdas: “Eu fiquei mais tempo para fazer rabiola e o próprio pipa do que brincando”. Houve quem preferisse preservar o pipa confeccionado e pediu para levá-lo para casa; outros conseguiram brincar e, ao final, também levaram o pipa consigo.

Caminhando para o encerramento do trabalho, e atravessado pelo que havia ocorrido nos encontros anteriores, convidei a turma a realizar novas leituras da ocorrência do pipa. O objetivo era perceber como a brincadeira se organiza no território onde

estudantes residem, explorar outros contextos históricos, reconhecer a presença de diferentes subjetividades na prática e identificar a existência de múltiplos formatos de pipa.

Para favorecer a compreensão histórica, recorri à análise dos objetos utilizados há cerca de 30 anos na brincadeira. A iniciativa, inspirada nas vivências produzidas em aula, buscou compreender mudanças até o presente e problematizar permanências, como o fato de um objeto de plástico usado para enrolar a linha seguir sendo nomeado como “lata” por muitos praticantes. Para sustentar essas intenções, projetei duas imagens obtidas no Facebook e convidei estudantes a lê-las e comentá-las.



À medida que as falas eram enunciadas, eu as registrava no quadro. A leitura das postagens indicou que, no passado, muitas pessoas enrolavam a linha em latas de óleo ou de leite, reaproveitando recipientes que seriam descartados. Para compreender as mudanças, provoquei a turma a relacionar esse registro ao tempo presente. Supusemos que a recorrência histórica desses objetos ajuda a explicar por que, ainda hoje, um suporte de plástico para enrolar linha segue sendo chamado de “lata” por muitos praticantes. Alguns meninos acrescentaram que, atualmente, as lojas utilizam uma máquina para transferir a linha do carretel para o suporte, um trabalho que, antigamente, era realizado manualmente e ficava sob responsabilidade de quem brincava com o pipa.

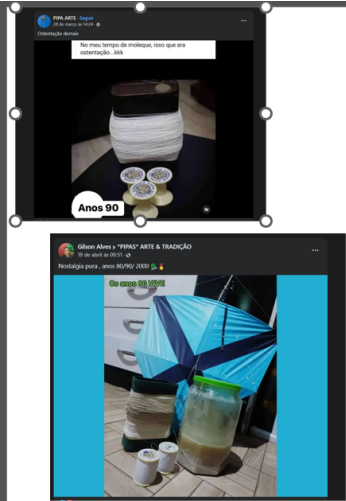


No decorrer da análise, comentamos também sobre a carretilha, que, no início, havia sido chamada de “roda” por alguns estudantes que não a conheciam. Alunos e alunas explicaram que existem carretilhas de diferentes tamanhos e modelos e que, por isso, trata-se de um objeto mais caro do que a lata, podendo chegar a custar até R\$ 200. Acrescentaram ainda que a carretilha funciona como um facilitador importante para enrolar a linha durante a brincadeira, conferindo mais praticidade do que a lata.



Outro ponto que emergiu na conversa foi o cerol. Bruno relatou já ter acompanhado, e até mesmo realizado, em outros contextos, procedimentos de preparo e aplicação desse material na linha, enquanto Kauã explicou, em termos gerais, como algumas pessoas costumam utilizá-lo durante a brincadeira. Diante das falas, demarqueei que se trata de uma prática controversa, associada a riscos e conflitos no território, e que, por isso, exigia uma leitura crítica: o que está em jogo quando certos modos de brincar passam a produzir perigo para outras pessoas e tensionar regras de convivência na cidade.

No meio da leitura, incentivei a turma a deslocar o olhar para a geografia da prática, isto é, para os lugares em que o pipa acontece na cidade de São Paulo. A partir de experiências do cotidiano, das conversas com Simone e das explicações compartilhadas por Roberto e Gabriel, alunos e alunas reconheceram que se trata de uma prática que ganha força, sobretudo, nas periferias (nos territórios das comunidades onde reside uma maioria de pessoas negras e da classe trabalhadora), evidenciando que brincar com o pipa também envolve pertencimentos, disputas por espaço e modos de viver a cidade.



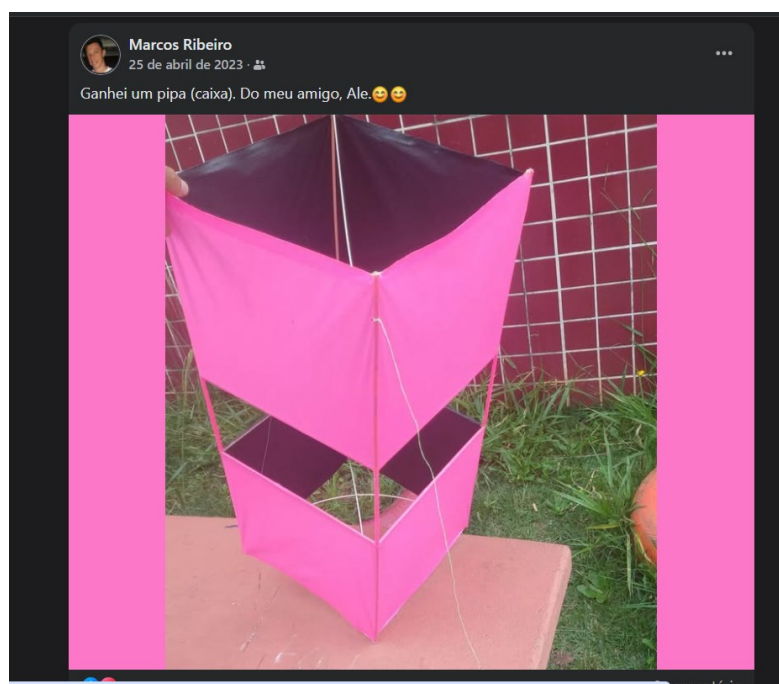
CARACTERÍSTICAS DA BRINCADEIRA DE PIPA NOS ANOS 90/00

1. PESSOAS DA PERIFERIA ERAM AS MAIS ENGAJADAS;
2. LATA DE ALUMÍNIO PARA ENROLAR A LINHA;
3. PIPA ERA FEITA COM BAMBU
4. CEROL – FEITO COM PÓ DE VIDRO E COLA
5. FOLHA DE SEDA PARA ENCAPAR
6. O CEROL ERA PASSADO NA LINHA ANTES DE SUBIR O PIPA;
7. A PRODUÇÃO DO CEROL ERA CASEIRA – MOER E PENEIRAR O VIDRO, DERRETER A COLA NO FOGÃO E POR ÚLTIMO MISTURAR O PÓ DO VIDRO COM A COLA DERRETIDA.

Na tentativa de tensionar o imaginário da turma sobre quem brinca com o pipa, exibi um [vídeo](#) de uma senhora de 90 anos empinando pipa e, em seguida, convidei alunos e alunas a lerem os comentários publicados. Entre as muitas reações, chamou atenção a postagem de uma mulher de 50 anos que confessava brincar com o pipa sempre que podia. O material ajudou a deslocar a ideia de que se trata de uma prática restrita a meninos e homens, evidenciando a presença de outras subjetividades e trajetórias que, embora menos visibilizadas, também compõem esse universo.



Outro movimento realizado no encontro consistiu em pesquisar tipos de pipa que escapassem ao padrão mais conhecido pela turma. Navegando pelo Facebook, encontramos uma postagem do professor Marcos Ribeiro que apresentava um modelo nada convencional: o pipa-caixa.



Caminhando para o encerramento do trabalho, abri um convite para que a turma retomasse o percurso vivido e registrasse considerações a partir das seguintes provocações:

1. Quais foram as maiores dificuldades?
2. O que foi novidade para você, isto é, o que você aprendeu?
3. O que foi mais interessante?
4. Quais sentimentos foram despertados durante o trabalho?

5. Como foi a participação dos colegas?
6. Uma palavra que expresse tudo o que vivemos com a tematização do pipa.

Ao tratarem das dificuldades, alunos e alunas mencionaram: fazer a rabiola, subir o pipa, mantê-lo no alto e dar o nó da rabiola. Entre as novidades, destacaram: ver mulheres soltando pipa, soltar pipa na escola, confeccionar o pipa, montar a rabiola e conhecer as gírias que circulam na prática. Quando perguntados sobre o que foi mais interessante, apareceram comentários como: “o professor não saber soltar pipa”, “nunca vi professor fazer pipa na escola”, “eu nunca tinha brincado” e “aprendi a fazer nó de rabiola”.

Quanto aos sentimentos despertados, surgiram registros diversos e, por vezes, ambivalentes, como: “estresse porque o Gabriel derrubou meu pipa”; “entediante, muitas aulas só de pipa”; “felicidade porque soltei pipa na escola. E você abordou bem, mas o tema não é tão bom”; e “tédio, raiva, ele me stressou”.